# A coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emilio Goeldi

(Nota Prévia)

Napoleão Figueiredo
Ivelise Rodrigues

Apreciado amigo Mario Ypiranga,
com o abraço e a velha esti-
ma do

Separata da Revista Nº XXVIII
da Academia Paraense de Letras
1987

1529
comp.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

29

SEC-39592
-1.645-

Unm
0304

# A COLEÇÃO ETNOGRÁFICA AFRICANA

Acadêmico NAPOLEÃO FIGUEIREDO

DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI (NOTA PRÉVIA)

NAPOLEÃO FIGUEIREDO (*)
IVELISE RODRIGUES (**)

IN MEMORIAM DE

PROTASIO FRICKEL

MÁRIO F. SIMÕES

## INTRODUÇÃO

A Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emilio Goeldi é constituida por 592 peças recolhidas nas regiões das atuais República da Guiné Bissau; República Democrática do Sudão: República do Zaire, República do Zimbábue; República Gabonesa; República Popular de Angola e República Popular do Congo. A coleta dessas peças foi feita no período de 1887 a 1904, não se sabendo o nome do coletor. Essa coleção foi adquirida de um particular na Ilha da Madeira, no começo do século pelo Coronel José Julio de Andrade (político paraense e deputado estadual nas legislaturas de 1904-1907 e 1908-1911) e por ele ofertada no ano de 1933 ao então Inter-

---

(*) Professor Emérito da Universidade Federal do Pará
Pesquisador do Museu Paraense Emilio Goeldi
Bolsista do CNPq. MCT

(**) Assistente de Pesquisa do Museu Paraense Emilio Goeldi
CNPq. MCT

ventor Federal do Estado do Pará, Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que posteriormente a doou ao Museu Paraense.

A esse tempo, o Museu Paraense Emilio Goeldi era dirigido pelo Dr. Carlos Estevão de Oliveira, não possuindo em seus quadros de pesquisa, cientista social com conhecimentos sobre a Etnologia da África. Assim, a coleção foi recebida, tombada com os dados que acompanhavam a mesma e depositada na reserva técnica da Antropologia, para que alguém, no futuro, a estudasse.

A simples leitura do Livro de Tombo, é fácil constatar-se que essa coleta não foi feita por profissional em Etnologia, pois da mesma, como em outras, recolhidas por amadores ou por leigos, objetos os mais variados constam desse acervo, tais como artefatos utilizados na caça e na pesca, armas de todos os tipos como espadas e pequenas facas, bem como arcos, flechas e lanças, incluindo igualmente numerosas esculturas em madeira (estatuetas, fetiches e máscaras), objetos utilizados em cerimoniais religiosos, instrumentos musicais, panaria, cestaria e outros objetos, selecionados provavelmente, segundo um critério estético, exótico e não etnológico.

Falta a essa coleção a homogeneidade requerida na coleta de campo realizada cientificamente, pois a mesma não é sistemática, isto é, não é feita em função de um estudo global da cultura de cada grupo representado nesse acervo. A ausência de equilíbrio é patente, pois algumas categorias tais como armas e objetos cerimoniais - que exercem sempre um grande fascínio sobre o coletor, aparecem excessivamente, em detrimento dos objetos vulgares, simples e de uso diário.

Como as peças não possuiam nenhuma indicação de sua procedência, foi essa coleção analisada, classificada e muitas de suas peças desenhadas pelo Prof. Dr. Peter Paul Hilbert, no período de 1949-1950, então pesquisador do Museu Paraense Emilio Goeldi, e que era o único cientista social nessa época em Belém, que tinha experiência para estudar material etnográfico oriundo da África. Uma pequena mostra dessa coleção, ao tempo em que foi diretor do Museu, o Prof. Inocêncio Machado

Coelho, foi montada no Pavilhão de Exposições, com mapas e desenhos ilustrativos, feitos pelo mesmo pesquisador, e anos depois, em 1961, o Dr. Hilbert, escreveu pequeno catálogo - Exposição de Arte Negra - que constou da Exposição desse material, promovida pela Associação Brasileira de Antropologia, por ocasião de sua V Reunião, realizada em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Posteriormente por três vezes, exposições com esse material foram montadas no Museu Goeldi: por ocasião da reinauguração do atual Pavilão Ferreira Pena (antigo Pavilhão de Exposições) e na Semana do Negro em 1982. Em ambos os eventos foram elaborados pequenos catálogos dessas exposições, escritos pelo autor do presente ensaio. A terceira exposição, a maior delas, ocorreu em 1984, por ocasião do I Encontro Científico e Tecnológico dos Países do Tratado de Cooperação Amazônica e do Dia Nacional da Consciência Negra. Nessa ocasião, foi escrito pelos autores, catálogo ilustrado com os desenhos feitos pelo Dr. Hilbert, desse material.

Em 1983 nos candidatamos a uma Bolsa Especial de Pesquisa para Desenvolvimento Científico Regional, concedida pelo CNPq, e apresentamos para isso, ao mesmo Conselho, projeto de pesquisa visando estudar em profundidade essa Coleção. Aprovado o projeto, juntamente com a Licenciada Ivelise de Souza Rodrigues, Assistente de Pesquisa do Museu Paraense Emilio Goeldi, passamos a desenvolve-lo, não somente descrevendo esse acervo e consequentemente estudando a referida coleção, bem como, recuperando esse material etnográfico, danificado pelo tempo. Esse projeto foi desenvolvido na programação da Divisão de Museologia do Museu Paraense Emilio Goeldi, no período de 1983 a 1986.

As dificuldades encontradas no estudo da citada coleção, começaram a partir da identificação das peças, pois não tínhamos os diários de campo, das viagens realizadas na África, quando foram coletadas essas peças, e o registro de tombamento das mesmas no Museu. Pouco ou nada esclareciam quanto ao grupo que as havia produzido. Apenas as informações constantes do pequeno fi-

chário organizado pelo Dr. Hilbert, nos deram algumas orientações sobre a procedência desse material, que serviram como ponto de partida para essa identificação, feita a base de comparações com peças similares, constantes de ilustrações na bibliografia compulsada.

A outra dificuldade ocorreu quanto ao modo de estruturar o arranjo ordenado desses produtos ergológicos, onde tenho como ponto de apoio a classificação proposta por Murdock el alii (1954), grupamos esses artefatos nas seguintes categorias : esculturas, objetos cerimoniais, tecelagem, cestaria, armaria e objetos diversos.

Finalmente o problema quanto ao estabelecimento de uma tipologia para os diversos exemplares de artefatos representados nessa coleção. Partindo das tipologias sugeridas por Montandon (1934) e por Barroso (1953), tivemos que criar modelos capazes de nos servir de suporte para descrição das diversas categorias de objetos.

Assim, para a descrição dessas peças, foram utilizados os guias propostos por Montandon (1934), Barroso (1953), Simões (1963) e Chiara (1986) para armas; Por Ribeiro (1985, 1986) para cestaria; por Ribeiro (1986 A) para tecelagem; por Chmyz Ed. (1976) para cerâmica; pela Junta de Investigação do Ultramar (1934) para a escultura africana; por Montandon (1934) e pela Comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã Bretanha e Irlanda (1971) para os demais objetos. Foram igualmente obedecidas as recomendações indicadas pela UNESCO (1959) e por Lewis (1967) quanto à conservação do equipamento ergológico.

É quase desconhecido para o mundo científico o volume de material produzido por grupos tribais africanos e depositados em Museus, Instituições de Pesquisa e Coleções Particulares no Brasil. São raras as publicações sobre o assunto, destacando as de Hilbert (1961), Figueiredo (1979), Olinto (1982), Lody (1983), Figueiredo (1984) e Figueiredo & Rodrigues (1984).

Em 1980 quando participamos da reunião de especialistas promovida pela UNESCO em Bridgetown (Barbados) sobre a "Presença Cultural Negro-Africana no

Caribe e nas Américas" (Figueiredo, 1980), tivemos a oportunidade de propor à essa Organização Internacional, a elaboração de um projeto, cujo objetivo seria o levantamento do acervo do equipamento ergológico produzido pelas diversas culturas africanas e depositadas em Museus, Instituições de Pesquisa e Coleções Particulares nas Américas. A referida proposição foi aprovada, porém não sabemos se a mesma está sendo desenvolvida através de Projetos Integrados.

No Brasil, há um Projeto da FUNARTE, na área de documentos artísticos de conteúdo etnográfico, que está sendo levado a efeito pelo Prof. Raul Lody, situando o "fazer" africano em suas relações com o plano mítico , bem como as tecnologias e morfologias dos objetos, como significativa referência para a pesquisa dos padrões culturais da África, doadora que foi, de elementos que motivam ou servem de matrizes para a arte brasileira. Esse Projeto já proporcionou excelentes resultados traduzidos em publicações de primorosa qualidade.

De seu tombamento em 1933 a nossos dias, desapareceram 98 peças dessa Coleção Etnográfica. Sabe-se que algumas delas (bastões cerimoniais) perderam-se por ocasião da Exposição realizada em Belo Horizonte; duas estatuetas (um ancestral benfeitor dos Batshokwe e uma mãe original dos Bakongo - as peças mais belas da coleção) desapareceram da reserva técnica da antiga Divisão de Antropologia; certamente as sucessivas mudança ocorridas com esse material, fizeram o extravio de outras tantas e finalmente, o próprio tempo, dada a precariedade das instalações da reserva técnica, deve ter concorrido para o deterioramento de muitos desses objetos.

As coleções etnográficas, relegadas até pouco tempo a uma posição inferior nos estudos antropológicos, começam novamente a ser estudadas pelos etnólogos, pois, na análise comparativa dos artefatos produzidos, emergirão fatalmente, na diversidade das soluções encontradas, os denominadores presentes, perante os condicionamentos naturais e sociais, vividos por esses grupamentos humanos.

Existem tentativas feitas no sentido de tentar-se a unificação dos trabalhos no laboratório etnográfico, entretanto, não há padronização na terminologia nacional e no registro e descrição dessas coleções. Cada instituição possui seus critérios e modelos próprios, criados ao sabor da orientação teórica dos responsáveis por essas coleções ou por quem as estuda.

Oliveira (1971:19) nos esclarece "que os Museus de Etnologia devem ser concebidos de modo a funcionar de certo modo como um prolongamento do terreno, onde se pode observar todos os elementos de uma cultura, que na vida real já não se encontram" e assim, as coleções recolhidas no decorrer do trabalho de pesquisa de campo, devem ser representativas do equipamento produzido por um grupo humano ou segmento de população, em um determinado tempo.

Os grupos humanos subjugados, como foram as populações produtoras das diversas culturas africanas e que sucumbiram tragadas violentamente pela voragem destruidora da colonização européia na África, não possuem memória nem história.

O presente ensaio é uma contribuiçao à reconstituição dessa memória cultural africana, depositada na Amazônia.

## A COLEÇÃO ETNOGRÁFICA AFRICANA

AZANDE , localizados no rio Ubangi, República do Zaire. Nigritico de Leste - Grupo Equatorial;

BACUSO (BATETELA) , localizados no rio Lomani, República do Zaire. Bantu Equatorial - Província Mongo - Grupo Kuso;

BAHUANA , localizados no rio Kasai, República do Zaire. Bantu Central - Grupo Kwango;

BAKONGO , localizados na Costa do Loango, República Popular do Congo. Bantu Central - Grupo Kongo;

BAKUBA , localizados no rio Sankuru, República do Zaire. Bantu Central - Grupo Kasai;

BALUBA , localizados no rio Lualaba, República do Zaire. Bantu - Provincia Luba;

BAMLUNDA , localizados na região Lunda, República Popular de Angola. Bantu Equatorial - Provincia Luba - Grupo Lunda;

BANGALA , localizados no rio Ubangi, República do Zaire. Bantu Equatorial - Grupo Kimbundo - Mbangala

BAPOTO , localizados no rio Mongala. República do Zaire. Bantu Equatorial - Grupo Poto;

BAROTSE , localizados no rio Zambese, República do Zimbábue, Bantu do Médio Zambese - Grupo Losi;

BASONGE , Localizados no rio Lomani, República do Zaire. Bantu - Província Luba;

BASUNDI , localizados na região de Cabinda, República Popular de Angola. Bantu Central - Grupo Kongo;

BATSCHOKWE (KIOKO, BAJOKWE, TYIVOKWE, BATSHIOKO), localizados no rio Kasai, República do Zaire. Bantu Central - Grupo Lunda;

BAYAKA , localizados no rio Kwango, República do Zaire. Bantu Central e Equatorial - Grupo Kasai;

BAYOMBE , localizados na costa do Loango, República Popular do Congo. Bantu Central - Grupo Kongo;

BAWOYO (BAOIO, WOYO, KABINDA, BAUOIO) , localizados na região da Cabinda, República Popular de Angola. Bantu Central - Grupo Kakongo;

BENAKANIOKA , localizados no rio Sankuru, República do Zaire. Bantu - Provincia Luba;

FANG , localizados no rio Ivindo, República Gabonesa. Bantu Equatorial - Grupo Fang;

GANGUELA, localizados no rio Cubango, República Popular de Angola. Bantu Central - Provincia Lunda;

LENDU , localizados ao sul da República Democrática do Sudão. Sudanês Central - Grupo Madi;

MANDINGO , localizados na região norte da República da Guiné-Bissau. Sudanês - Província Nuclear Mande. Grupo Malinke;

MANGBETU , localizados no rio Uele, República do Zaire. Sudanês Central - Grupo Mangbetu;

MASHONA , localizados no rio Zambese, República do Zimbábue. Bantu do Sudoeste - Grupo Shona;

NGBANDI , localizados no rio Mongala, República do Zaire. Nigritico de Leste - Grupo Equatorial;

OVAMBO (AMBO) , localizados no rio Cunene. República Popular de Angola. Bantu do Sudoeste;

e SANGA , localizados no rio Ubangi, República do Zaire.
Bantu Equatorial - Grupo Sanga.

Herskovits (1924) distribui os grupos tribais africanos em áreas culturais distintas, onde a quase totalidade dos grupos representados na Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emilio Goeldi, estão localizados na área por ele denominada de Área de Congo e Sub-Área do Golfo da Guiné.

Essa área é caracterizada culturalmente por populações, onde a agricultura é a base econômica das mesmas. Vivem em aldeias compostas por casas retangulares feitas de barro e palha, e no Sudão, em "castelos" de forma cônica. Usam vestes tecidas com algodão ou outras fibras vegetais. Possuem cerâmica e metalurgia, esta última representada por trabalhos em ferro, com o qual fabricam utensílios domésticos, armas de guerra, caça e pesca, assim como objetos caracterizando a "arte africana" - estatuetas em madeira, máscaras, objetos decorativos com representações humanas e desenhos geométricos. - São conhecidos também, tambores fabricados com troncos de árvores, com os quais produziam a "linguagem do tambor". A organização social é de sibstotêmicos com descendência matrilinear, possuindo igualmente uma organização política complexa e uma história desenvolvida e agitada. São conhecidas a existência de reinados e côrtes famosas na região da atual República do Zaire (antigo Congo Belga) e na sub-área do Golfo da Guiné.

A mitologia e a religião são bem desenvolvidas, especialmente com cultos dos antepassados e práticas mágicas. Na sub-área ocidental, a complexidade da vida material e social, atinge o seu máximo apogeu, entre os povos típicos do grupo sudanês, com trabalhos em bronze, cobre, tecidos, esculturas em madeira, cerâmica e trabalhos em ferro, com grande desenvolvimento mitológico e religioso, a que Fobrenius (1954) denominou de Cultura Atlântica.

## A ESCULTURA

Num contexto que envolve igualmente um aspecto estético, a escultura em madeira ocupa um lugar de destaque na arte africana. Movendo-se sempre, dentro de cânones temáticos e estilísticos, fixados por tradições muito rígidas, em que a capacidade criativa do artista é substituida pela finura do acabamento da peça. Em suas formas mais genuinas e importantes, é uma arte funcional, com finalidade política, social e educativa e, sobretudo, com uma dimensão mágico-religiosa essencial que lhe dá o conteúdo e o sentido mágico que a reveste.

As esculturas mais expressivas representam os antepassados benfeitores e os heróis culturais do grupo, e apresentam tatuagens e símbolos distintivos para que o ancestral possa se reconhecer, passando nele a residir, para proteger a comunidade e as pessoas, sendo objeto de culto e veneração.

As figuras do ancestral feminino, representam a mãe original. Essas figuras são símbolos propiciatórios de prole numerosa, e em seu sentido mais amplo, de fertilidade. São evocadas durante o plantio para favorecer a colheita e as jovens as recebem para estimular a fertilidade.

Ao lado da escultura mágico-religiosa, existem ainda outras duas: na primeira, manifestada na decoração de todos os objetos de uso pessoal, de uso doméstico, profissional, cerimonial e ritual: pentes, cadeiras, bancos, recipientes, cachimbos, caixas, machados, instrumentos musicais, onde é introduzida, na dimensão plástica, um novo valor ideográfico, que exprime o status, as funções ou o poder, de que desfruta o seu possuidor. Na segunda, a que busca em seus motivos, os temas humanos e não míticos e sobrenaturais, própria das realezas centralizadas que, tendo como chefes, soberanos poderosos, rodeados de uma verdadeira corte, cujas aristocracias conheciam o luxo, onde a arte era para eles, um instrumento de grandeza pessoal, onde a decoração que enobrecia os menores acessórios da vida, não só afirmava o poderio de seus possuidores, mas até por vezes, uma prerrogativa

de sua hierarquia. Essa escultura é fundamentalmente secular e palaciana, com predomínio da figuração humana, procurando exprimir os arquétipos e o mundo sobrenatural, revestidos da pompa e dos atributos de seus cargos.

Oliveira (1968), nos diz que é "nesse âmbito que se desenvolve fundamentalmente a escultura negra: por um lado, e acima de tudo, a estatuária religiosa, representando figuras de antepassados, deuses, espíritos ou gênios secundários, familiares ou naturais e também os fetiches mágicos; e as máscaras que, na função em que foram concebidas, são verdadeiras esculturas em movimento. Por outro lado, a escultura profana e social, como elemento decorativo, acessório, brinquedos e estatuetas avulsas".

Merece destaque nesse tópico, os fetiches de pregos. Os fetiches são em si mesmo inertes. É o xamã ou o mágico que por meio de rituais apropriados faz atuar e dirigir a força mágica que possuem, para fins determinados.

Os fetiches de pregos tem por função afastar os espíritos maléficos, que se manifestam sob a forma de doenças e outros sofrimentos que não podem ser combatidos por meios comuns.

Sobre o ventre da peça esculpida é colocada pequena caixa tampada por um espelho, e que contém o "ngli - nglis", substância mágica que dá força ao fetiche e, onde cada prego cravado, provoca uma ação igualmente mágica, dirigida no cerimonial contra um espírito maléfico.

Enquanto a estatuária africana, em seus mais variados aspectos, destina-se a cerimônias mágico-religiosas nos santuários, e são de uso confidencial, as máscaras são parte de cerimoniais públicos, e constituem o aspecto dinâmico das efigies dos ancestrais benfeitores e dos heróis culturais, que são sempre imóveis e estáticos.

É nas máscaras que se manifestam os espíritos. Na dança, seu portador, ao rítmo dos tambores, dos chocalhos e de outros instrumentos de percursão, entra em

transe, começando a representar o papel do espírito cuja máscara ostenta, para assim transmitir a mensagem do mesmo.

As máscaras constituem o ponto mais alto de valor artístico desses grupos, pois recolhem e exprimem a totalidade das forças espalhadas no Universo, tal como ele é concebido pelo respectivo grupo.

## OS OBJETOS CERIMCNIAIS

Os cultos mágico-religiosos dos grupos que estavam localizados nas regiões das atuais República do Zaire e da República Popular de Angola, possuem função importante na vida social e política dos mesmos. Os objetos utilizados nesses cerimoniais pelos chefes, xamãs e membros de sociedades secretas, também desempenham papel de relevância na estrutura social desses grupos, e são sempre finamente decorados e valem como símbolo do poder e força vital, a exemplo dos bastões cerimoniais usados pelos chefes, dos chocalhos, dos tambores e dos likembes (Kissanges ou piano dos Cafres), estes últimos, os instrumentos preferidos pelos ancestrais benfeitores.

Redinha (1984:9) nos esclarece que "a música, como recreação, ludismo, rito, magismo, comunicação mágico - medicinal e agente psico-social de variada função, participa na maior intimidade da alma dos africanos", bem como "a África aparecenos definida como uma conjunção íntima de cor, luz e rítmo, e a música, como fator de sua grande síntese, é o elemento motor participante no elan dessas sociedades".

## TECELAGEM E CESTARIA

Na África Negra a arte da tecelagem e da cestaria, na divisão do trabalho feito pelo grupo, é sempre realizada pelos homens, nas horas de lazer e no intervalo das atividade agricolas, da caça e da pesca.

A matéria prima utilizada na confecção de cestos, cinturões, gorros de cabeça, bandejas e esteiras é forne-

cida pela ráfia, fibras de folhas de palmeira e por diversos tipos de capim.

As técnicas usadas são do tipo entretecido e em espiral, e a utilização de tintas, nas cores branca, preta ou vermelha, resulta de uma grande variedade de padrões e desenhos geométricos.

Muitos desses objetos, principalmente as pequenas esteiras, refletem influência européia, nos temas dos desenhos feitos sobre as mesmas.

## ARMARIA

As populações negras da África conheceram o uso do ferro antes de descobrirem a fundição do cobre e do bronze para a confecção de objetos. Pesquisas arqueológicas recentes, revelam que o ferro foi introduzido na cultura desses povos por volta do ano 400 A.C. e que sua fundição foi usada para forjar armas, estatuetas e objetos de adorno.

No que diz respeito às armas, essas impressionam mais por suas formas bizarras e exóticas do que por sua eficiência, montando ao lado da riqueza criativa, uma habilidade artesanal excepcional.

As armas de combate corpo-a-corpo, de arremesso e de haste, produzidas pelos grupos que ocupavam as atuais República do Zaire e da República Popular de Angola, de onde provém a grande maioria desses artefatos, especialmente as pontas de flechas e lanças, acompanham a tônica de riqueza do artesanato das armas em geral, em que as barbelas se apresentam finamente trabalhadas. Os arcos são sempre do tipo simples e o encordoamento é feito em fios de fibra vegetal ou couro.

A técnica de trabalho em ferro, cobre ou bronze, é sempre a martelada repuchada.

Na extração do ferro a partir dos minérios ferrosos, especialmente da limonite dos pântanos, utilizam o fole-tambor que consta de duas caixas de ar em madeira

monoblóco, articuladas com dois porta-ventos feitos de peles de animais comuns.

As caixas de ar articulam-se com um algaraviz de cerâmica que fica em contacto com o fogo. O conjunto porta-ventos, caixas de ar e algaraviz (que constitui o lado masculino do processo) aplica-se a um forno de configuração antropomorfa (corpo de mulher) assimilando o processo da fundição do ferro ao da gestação humana e rodeando-o dos mesmos tabus.

Areia (1985:151) nos esclarece ainda que "Do ferro produzido fabricavam não só muitos dos objetos indispensáveis no cotidiano, como enxadas, machados, armas e facas, mas também objetos nobres como a faca de circuncisão (tewka dos Cokwe), as lanças, tanto as de caça como as exibidas pelos chefes como insígnias de poder e ainda esplendidos machadinhos finamente decorados e com lâminas por vezes marchetadas com incrustações de cobre.

Lâminas e fios de cobre e latão aplicados também a cabos de lanças ou ao pipo e fornilho dos cachimbos, produzem belos efeitos decorativos e dizem da mestria desses povos na aplicação decorativa desse material".

## OBJETOS DIVERSOS

Grande é a quantidade de objetos pequenos tais como polvarinhos, pentes, cachimbos, esculturas em marfim, pulseiras em marfim e metal, vassouras, copos, chapeus em fibra vegetal, que integram a Coleção Etnográfica Africana e que mostram ao lado de seu exotismo, o fino gosto artístico, do artesão que os produziu.

A heterogeneidade do material que compõe a Coleção Etnográfica Africana, não nos permite um estudo intensivo e monográfico de cada grupo, onde esse material foi coletado, pois o estudo intensivo e monográfico de uma cultura, requer a coleta de material tanto quanto possível exaustiva, que documente todos os produtos ergológicos produzidos pela mesma.

Ribeiro (1972:29) nos mostra que as etapas evolutivas do homem, somente podem ser entendidas ". . . me-

diante a construção teórica de cada formação sócio-cultural, como uma constelação particular de certos conteúdos de seu modo de adaptação à natureza, de certos atributos de sua organização social e de certas qualidades de sua visão de mundo".

A essas três ordens de fenômenos, correspondem, por seus graus de organização interna, três sistemas: o adaptativo, o associativo e o ideológico. O primeiro diz respeito às relações Homem X Meio Ambiente, tais como a ecologia, a economia e a ergologia; o segundo, às relações Homem X Homem, como a família, o sistema de parentesco, a organização social e a organização política; enquanto o último, às relações Homem X Idéias, como a linguagem, a mitologia, a religião, a ciência, a arte e a visão de mundo.

Qualquer que seja o modelo que uma cultura venha a desenvolver, esse nunca ficará permanentemente estável e nem haverá nada de básico, pois nunhuma cultura permanece estática, visto as mudanças ocorridas em qualquer um dos segmentos, refletirem-se nas maneiras de um grupo tratar os outros componentes dos demais sistemas.

Desta forma, os artefatos produzidos por um grupamento humano, refletem os outros sistemas e também podem modificá-los. Assim, o equipamento ergológico produzido por um grupo humano, está interdigitado com todos os elementos que participam dos diversos sistemas (relação Homem X Meio, relação Homem X Homem e relação Homem X Idéias), integrados à sua estrutura maior.

O mais importante é que o valor de qualquer objeto recolhido, depende, exclusiva e decisivamente, da quantidade e da qualidade de informações que se tenha sobre o mesmo, relacionando-o com as outras partes dos sistemas.

A característica fundamental da arte africana é que aparentemente, o artesão tem sempre presente ao espírito a composição total da obra, e na sua maioria, trabalham o conjunto inteiro, ao mesmo tempo, por estágios sucessivos, e nunca é uma criação gratuita do artista

e está impregnada do seu próprio conteúdo e sentido religioso, tendo em vista uma função coletiva essencial: tornal palpável a presença do sobrenatural, de que seu mundo está impregnado, e com quem só assim, pode se comunicar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AFRIKA MUSEUM

1967 - Levend Verleden. Catálogo. Afrika Museum. Berg en Dal. 64 p.

1981 - Achter Spiegels. Spiegel-en spijkerbeelden nit Neder-Kongo. Catálogo. Afrika Museu. Berg en Dal. 35 p.

AREIA, M.L. RODRIGUES DE

1985 - As Coleções Angolanas, IN Cem Anos de Antropologia em Coimbra 1885-1985. Museu e Laboratório Antropológico. Universidade de Coimbra. Coimbra. p. 149-194

BALANDIER, GEORGES

1957 - Afrique Ambigué. Librairie Plon. Paris. 291 p.

BANHANN, H.

1927 - Die Materielle Kultur der Azande und Mangbbetu, IN Baessler–Archiv. Bd 11. Alte Folge. Berlin. p. 75-87

BARROSO, GUSTAVO

1953 - Introdução à Técnica de Museus. Vol. a. Ministério da Educação e Cultura. Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro. 459 p.

BASTIN, MARIE LOUISE

1982 - La sculture Tschokwe. Alain et François Chaffin. Mendon

BAXTER, P.T.W. & BUTT, AUDREY

1953 - The Azande and related peoples of the Anglo-Egyptian Sudan and Belgian Congo. International African Institute. London

BENNETT, ALBERT L.

1899 - Ethnographical Notes on the Fang, IN Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland Vol. 29. New Series 2. London. p. 66-98

CHIARA, VILMA

1986 - Armas: Bases para uma classificação, IN Suma Etnológica Brasileira. Vol 2. Seditora Vozes Ltda. Petrópolis p. 117-137

CHMYZ, IGOR, Ed.
1976 - Terminologia Arqueológica para a Cerâmica. 2a. Ed. Cadernos de Arqueologia 1, n. 1. Universidade do Paraná. Paranaguá. p. 119-148

CHRISTENSEN, ERWIN O.
1955 - Primitive Art. Thomas Y. Crowell Company. New York. 384 p.

COMISSÃO DO REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ BRETANHA E DA IRLANDA
1971 - Guia Prático de Antropologia. Editora Cultrix. São Paulo. 431 p.

DIVERSOS AUTORES
1959 - Mundos Africanos. Fondo de Cultura Economica. Mexico. 349 p.

DONOHUGH, AGNES C. L. & BERRY, PRISCILLA
1932 - A Luba Tribe in Katanga, In Africa, Vol. 5. n. 2. London. p. 176-183

EVANS-PRITCHARD, E.E.
1928 - The Dance, IN Africa, Vol, 1, n.4. London. p. 446-462

1957 - Zande Warfare, IN Antropos, Vol. 52, Fasc. 1-2. St. Augustin über Siegburg. p. 239-243

FIGUEIREDO, NAPOLEÃO
1979 - Arte Africana. Exposição Temporária. Guia. Museu Paraense Emilio Goeldi. Belém. 8 p.

1980 - The Current State of Studies on the African Presence in Brazil, IN Meeting of Experts on the "African Negro Culture Presence in the Caribbean an in the North and South America". Bridetwon (21-25 Junuary 1980). UNESCO. Paris

1984 - A Coleção Africana do Museu Paraense Emilio Goeldi, IN Leitura. Ano III, n. 30. Imprensa Oficial. São Paulo

FIGUEIREDO, NAPOLEÃO & RODRIGUES, IVELISE
1985 - A criatividade na Arte Africana. Catálogo. Exposição alusiva ao I Encontro Científico e Tecnológico dos Países do Tratado de Cooperação Amazônica e ao Dia Nacional da Consciência Negra. Museu Paraense Emilio Goeldi / Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. Belém. 24 pg.

FROBENIUS, LEO
1954 - Kulturgeschichte Afrikas. IM Berteksmann-Lesering. Zürich. 656 p.

GOOSEN. HELENA
1985 - Mascaras Africanas, IN Panorama. Revista da Africa do Sul. N. 96. Büchler & Cie S.A. Wabern-Berna. p. 2-5

HAMBLY, WILFRID D.
1930 - Ethnology of Africa. Guide. Field Museum of Natural History. Dept. of Anthropology. Chicago. 226 p.

HSERSKOVITS. M.J.
1924 - A preliminary consideration on the culture areas of Africa, IN American Anthropologist, Vol. XXVI. Washington

HILBERT, PETER PAUL
1961 - Exposição de Arte Negra. V a. Reunião Brasileira de Antropologia. Belo Horizonte. 6 p.

HIMMELHEBER, HANS
1975 - Nachahmung fremder Werkstoffe in der Afrikanischen Holzschmitzerei, IN Tribus, n. 24. Stuttgart p. 79-84

INSTITUTO DE ANGROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1983 - Angola - Os Simbolos do Poder na Sociedade Tradicional. Instituto de Antropologia. Centro de Estudos Africanos. Publicação n. 1. Universidade de Coimbra. 98 p.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ANGOLA
1970 - Carta Étnica de Angola. Instituto de Investigação Científica de Angola. Luanda

JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR
1968 - Escultura Africana no Museu do Ultramar. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa. 210 p.

1972 - Povos e Culturas. Museu de Etnologia do Ultramar. Exposição. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa. 605 pg.

LEHUARD, RAOUL
1974 - Statuaire du Stanley-Pool: contribuition a l'étude des arts et technique des peuples Teke, Lari, Bembe, Sundi et Bwende, de la Republique Populaire du Congo. Arts d'Afrique Noire. Villiers-le-Bel

LEUZINGER, ELSY
1960 - Africa. The Art of the Netro People. McGraw-Hill Book Company, Inc. New Yor. 247 p.

LEWIS, RALPH H.
1976 - Manual for Museums. National Park Service. Washongton. 412 P.

LIMA, MESQUITELA
1969 - Fonction sociologiques des Hamba dans l'art sculptural des Tshokwe, IN Boletim do Instituto de Investigações Científicas de Angola. Vol.6, n. 2. Luanda. p. 3-13

1971 - Reflexões sobre a Arte Negra (Ensaio). Instituto de Investigações Científicas de Angola. Relatórios e Comunicações n. 18. Luanda. 46 p.

1971 A - Fonctions sociologiques des figurines de culte Hamba dans la Societé e dans la Culture Tshokwe (Angola). Instituto de Investigações Científicas de Angola. Luana. 427 p.

LODY, RAUL
1983 - Coleção Arte Africana. Museu Nacional de Belas Artes. FUNARTE. Rio de Janeiro. 95 p.

LOPASIG, ALEXANDER
1982 - The Lerman Collection, IN Tribus n. 31. Stuttgart. p 51-85

MONTANDON, GEORGE
1934 - Traité d'Ethnologie. Payot. Paris. 778 p.

MURDOCK, GEORGE et alii
1954 - Guia para la classification de los datos culturales. Union Panamericana. Manuales Tecnicos. Washington. 248 p.

MURDOCK, GEORGE PETER
1959 - Africa. Its People and their Culture History. McGraw Hill Book Company, Inc. New York. 456 pg.

NEEDHAN, D.E. et alii
1984 - From Iron Age to Independence. A history of Central Africa. Longman Group Ltd. London. 208 p.

NEYT, FRANÇOIS
1981 - Arts Traditionnels et histoire du Zaire. Cultures forestieres et Royaumes de la Savane. Publication d'Histoire

de l'art et d'Arqueologie de l'Université Catolique de Louvain. Vol. XXiX. Louvain

OLINTO, ANTONIO
1982 - Coleção de Arte Africana. Grafica Riex Editora S/A. Rio de Janeiro. 102 p.

OLIVEIRA, ERNESTO VEIGA DE
1968 - Introdução, IN Escultura Africana no Museu de Etnologia do Ultramar. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa.

1971 - Apontamentos sobre Museologia. Museus Etnológicos. Junta de Investigações do Ultramar. Estudos de Antropologia Cultural n.6. Lisboa. 112 p.

RAMOS, ARTHUR
1947 - Introdução à Antropologia Brasileira. 1º Vol. Coleção Estudos Brasileiros. Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro. 424 p.

RANDLES. W.G.L.
1968 - L'ancien Royaume du Congo. Des origines à la fin du XIXe. siecle. Mouton & Co. Paris. 275 p.

REDINHA, JOSÉ
1984 - Instrumentos Musicais de Angola. Sua construção e descrição. Instituto de Antropologia. Universidade de Coimbra. Coimbra. 230 p.

RIBEIRO, BERTA G.
1985 - A arte do traçado dos indios do Brasil - Um estudo taxonômico. Museu Paraense Emilio Goeldi / Fundação Nacional da Arte. Belém. 185 p.

1986 - A Arte do Trançado: dois macro-estilos, dois modos de vida, IN Suma Etnológica Brasileira. Vol. 2. Editora Vozes Ltda. Petrópolis. p. 283-313

RIBEIRO, DARCY
1972 - O processo civilizatório. 2ª Ed. Civilização Brasileira. 265 p.

RICHARDS. J. V. O.
1974 - The Sande Mask, IN African Arts, Vol. VII, n. 2. African Studies Center. University of California. Los Angeles. p. 48-51

RODRIGUES, IVELISE & FIGUEIREDO, NAPOLEÃO
1982 - Catálogo das coleções etnográficas do Museu Pa-

raense Emilio Goeldi e da Universidade Federal do Pará. Museu Paraense Emilio Goeldi. Série Guias n. 5. Belém. 35 p.

ROGERS, E. S.
1969 - African Religios, IN Forgotten Peoples. Royal Ontario Museum. Dept. of Etnology. Ontario. p. 95-98

SELIGMAN, C. G. & SELIGMAN, BRENDA Z.
1932 - Pagan Tribes of the Lilotic Sudan. George Routledge & Sons Ltd. London

SIMÕES, MARIO F.
1963 - Guia para classificação e descrição de material etnográfico: arco, flecha, zarabatana. Museu Paraense Emilio Goeldi. Belém (inédito)

SORET, MARCEL
1959 - Les Kongo Nord-occidentaux. Press Universitaire de France. Paris

TORDAY, E. & JOYCE, T.A.
1906 - Notes on the Ethnography of the Ba-Huana, IN The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. Vol. XXXV!. London. p. 272-301

UNESCO
1959 - L'Organisation des Musées. Cpnseils Pratiques. Paris 202 p.

VANSINA, J
1954 - Les Tribus Ba-Kuba et les peuplades apparentees. Annales du Musée Royal du Congo-Belge. Monographies Ethnographiques. Vol. 1. Tervuren

1529
Comp.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura